



Contribuições para  
descolonização do  
pensamento na  
Comunicação

Contributions to  
decolonization of thought in  
Communication

**Ohana Boy Oliveira**

Pós-Doutoranda em Cultura e Territorialidades, Doutora em Comunicação (2016-2020), Mestre em Cultura e Territorialidades (2013-2015) e Bacharel em Produção Cultural (2007-2011), todas as titulações pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: ohanaboy@id.uff.br



## Resumo

Para ampliar as perspectivas analíticas sobre o pensamento comunicacional brasileiro, trazemos neste artigo uma revisão bibliográfica acerca dos princípios da colonialidade, traçando uma trajetória que interliga os estudos atuais aos que o precederam, como os estudos pós-coloniais e culturais britânicos. Propomos com este trabalho uma breve recuperação do debate teórico do Grupo Modernidade/Colonialidade acerca da colonialidade do saber, do poder e do ser, buscando mostrar a importância dessa temática para a descolonização do pensamento no campo da Comunicação. Seguindo uma abordagem interdisciplinar, trazemos as discussões desse grupo apontando para a decolonialidade como horizonte epistemológico. Partindo de uma perspectiva crítica, ao problematizar o “sistema-mundo capitalista moderno/colonial”, procuramos apresentar uma descrição histórica e conceitual do pensamento decolonial, para construir novas formas de pensar a comunicação. Com essas contribuições sobre o empenho teórico-metodológico decolonial, concluímos que as transformações necessárias virão a partir da dissolução das estruturas coloniais, que conformam tanto a teoria quanto a prática da comunicação.

**Palavras-chave:** Modernidade/Colonialidade. colonialidade do saber. decolonialidade.

## Abstract

In order to broaden the analytical perspectives on Brazilian communicational thought, we present in this article a bibliographical review on the principles of coloniality, tracing a trajectory that links current studies to those that preceded it, such as postcolonial and British cultural studies. With this work, we propose a brief recovery of the theoretical debate of the Modernity/Coloniality Group about the coloniality of



knowledge, power and being, seeking to show the importance of this theme for the decolonization of thought in the field of Communication. Following an interdisciplinary approach, we bring the discussions of this group pointing to decoloniality as an epistemological horizon. From a critical perspective, when problematizing the “modern/colonial capitalist world-system”, we seek to present a historical and conceptual description of decolonial thinking, in order to build new ways of thinking about communication. With these contributions on the decolonial theoretical-methodological commitment, we conclude that the necessary transformations will come from the dissolution of colonial structures, which shape both the theory and the practice of communication.

**Keywords:** Modernity/Coloniality. Coloniality of knowledge. Decoloniality.



## 1 Introdução

Refletindo sobre a importância da descolonização do pensamento nas referências bibliográficas da comunicação, fazemos um apanhado teórico sobre a contribuição do Grupo Modernidade/Colonialidade no debate fundamental da colonialidade do saber, do poder e do ser<sup>1</sup>. Trazemos as reflexões de Anibal Quijano, Ramón Grosfoguel, Nelson Maldonado-Torres, Linda Alcoff, dentre outros, buscando mostrar a variedade de autores e perspectivas dentro dessa temática<sup>2</sup> completamente atravessada pela cultura. Apresentamos também algumas características de grupos de pesquisas que surgiram anteriormente, como os estudos pós-coloniais e estudos culturais britânicos, que abriram caminhos importantes para as reflexões acerca da modernidade. Debates como a análise da colonialidade, esquematizada por Nelson Maldonado-Torres, nos fornece uma ferramenta metodológica que exemplifica os olhares de pesquisa necessários para uma mudança de paradigma na comunicação. Ao final, apontamos possibilidades de futuro com a proposta de uma epistemologia decolonial revolucionária apresentada por Linda Alcoff.

A perspectiva crítica e interdisciplinar adotada nesta investigação segue como inspiração Jesús Martín-Barbero, que complexifica as mediações entre comunicação, cultura e política através de uma análise sócio-histórica das travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Stuart Hall também inspira esse trabalho por entender a cultura e a comunicação como arena de disputas em que as significações estão em permanente embate. Dessa maneira, defendemos que não é preciso desconsiderar referências importantes do ocidente para valorizar o conhecimento produzido na

---

1 Agradecemos ao Grupo de Estudos em Comunicação, Cultura e Sociedade (GRECOS) da Universidade Federal Fluminense, coordenado pela professora Ana Enne, que desde 2018 vem discutindo tal temática, indicando leituras e fomentando discussões quinzenais que conformam esse trabalho.

2 As discussões presentes neste artigo fazem parte da tese *Aspectos da colonialidade do saber, do poder e do ser – uma análise das performances de Regina Casé em sua trajetória televisiva*, defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF.



América Latina, pois muitas discussões trazidas por tais teóricos ajudam a complexificar a nossa realidade, fazendo as devidas mediações junto ao nosso contexto.

Nossa inspiração vem também da perspectiva decolonial entendendo a importância e a urgência da descolonização do pensamento para as discussões acadêmicas contemporâneas, principalmente no campo da comunicação, que conforma os imaginários e subjetividades da sociedade através do jornalismo e da indústria cultural, por exemplo. Esse giro decolonial epistemológico se faz necessário para tensionar os debates sobre cultura, mídia e aparatos comunicacionais, além dos discursos hegemônicos de quem pôde falar e ser ouvido, de quem foi autorizado a ser referência bibliográfica, de quem pôde ser reverenciado como detentor de conhecimento etc. A proposta é mostrar como as colonialidades do saber, do poder e do ser atravessam todas as esferas da vida, condicionando as formas de ser e estar no mundo, assim como a (des)autorização de saberes e a conformação de poderes.

Precisamos pontuar alguns processos de construção dessas colonialidades, embasadas pelo conceito de situação colonial, desenvolvido por Ramón Grosfoguel (2008) e outros teóricos do Grupo Modernidade/Colonialidade<sup>3</sup>. Segundo o autor, “a colonialidade permite-nos compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (GROSFOGUEL, 2008, p. 126). Apontamos que o conhecimento é colocado como forma colonial de dominação quando consideramos quem são os enunciadores historicamente autorizados pela indústria cultural.

Isso significa que, mesmo após o fim dos processos de colonização, as instituições coloniais continuam estruturando a sociedade em sua totalidade, ou o sistema-mundo, nos termos de

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que há divergências entre os teóricos quanto à efetiva formação de um grupo em torno das questões decoloniais, conforme Ramón Grosfoguel (2013), revelando atritos com alguns autores em relação às suas perspectivas e expondo algumas contradições, como a utilização do termo decolonial sem citar autoras e autores negros e indígenas.



Grosfoguel. Dessa maneira, um conceito que nos interessa é o das “situações coloniais”, entendido como “a opressão/exploração cultural, política, sexual e econômica de grupos étnicos/racializados subordinados por parte de grupos étnico-raciais dominantes, com ou sem a existência de administrações coloniais” (GROSFOGUEL, 2008, p. 126-127). Seguimos assim investigando as diversas colonialidades ainda impostas na sociedade contemporânea, que afetam diretamente a comunicação.

Luciana Ballestrin (2013) apresenta a constituição, a trajetória e o pensamento desse grupo de intelectuais, criado a partir da década de 1990, mostrando como essa rede de teóricos atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problematiza algumas questões para o continente<sup>4</sup>. Por ser a colonialidade “[...] um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista” (QUIJANO, 2005 apud BALLESTRIN, 2013, p. 342), o grupo defende a opção decolonial epistêmica, teórica e política, além da identificação e superação da colonialidade do poder, do saber e do ser. Autores como Aníbal Quijano e Immanuel Wallerstein partem de uma perspectiva marxista para fazer sua crítica ao capitalismo e suas variadas formas de opressão, mas essa lente de análise não é seguida pela maioria dos autores.

Em relação ao nome do grupo, é sabido que a expressão “decolonização”, fundamental para a definição desses estudos, veio de uma sugestão de Catherine Walsh, em uma tentativa de colocar novas lentes sobre velhos problemas enfrentados pelos latino-americanos. Tal perspectiva está aliada ao giro decolonial, termo cunhado por Nelson Maldonado-Torres (2005), definido como “movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013). Sendo assim, nesta breve análise, buscamos fugir de caminhos binários, apontando para as complexidades trazidas por esse grupo. Antes de entrar especificamente nesta

---

4 Uma das críticas ao grupo diz respeito a formação acadêmica e trajetória profissional de seus intelectuais estarem vinculadas, em sua maioria, às universidades nos EUA, com departamentos e disciplinas voltadas para os estudos sobre a América Latina.



questão, precisamos contextualizar os movimentos que vieram antes do grupo Modernidade/Colonialidade e que também foram motivadores de tal perspectiva que, de alguma maneira, ressalta os perigos da história única (ADICHIE, 2019).

## 2 Estudos pós-coloniais e estudos culturais britânicos

Igor Machado (2004) faz um apanhado histórico sobre o pós-colonialismo, que nos ajuda a entender diversas complexidades contemporâneas, pensando como muitas imposições epistêmicas foram consolidadas e difundidas ao longo dos séculos. A princípio, esse esforço teórico coincide com o período do pós-colonialismo real no final dos anos 1970 em grande parte da África e Ásia. Em geral, com o fim das ilusões dos projetos nacionais e ditaduras, chegou o tempo de repensar as heranças coloniais, exigir lugar de fala e lutar por representação e por espaços centrais na academia.

A situação pós-colonial apresentava uma relação de insuficiência representacional e de processos de subalternidade, em que repensar a história a partir de um ponto de vista dos subalternizados foi fundamental. Essa figura do subalterno foi produzida por discursos históricos de dominação e através dos estudos sobre essa construção tornou-se possível revelar mitos, cultos, revoltas e ideologias ocultas, trazendo à tona também suas ambivalências. Um dos grandes ganhos conquistados está justamente na negação das distinções binárias tipo centro-periferia, pois tais oposições maniqueístas são formas explicitamente colonialistas de pensar.

Em geral, as características dos pós-coloniais são a crítica ao eurocentrismo, à modernidade ocidental e seus paradigmas (metanarrativas); aproximação com os autores pós-estruturalistas; o encontro colonial e suas fissuras; o repúdio do orientalismo como essência; e a reivindicação de novos falantes. A origem deste campo intelectual foi majoritariamente indiana, com nomes da crítica literária e da antropologia, como Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Arjun Appadurai. Em linhas gerais, tais autores entendem que as relações entre colonizador e colonizado são repletas de ambiguidades e



contradições, atravessadas pela violência epistêmica. Segundo Boaventura Souza Santos, tal perspectiva, que se interessa pela geopolítica do conhecimento, “[...] parte da ideia de que, a partir das margens ou das periferias, as estruturas de poder e de saber são mais visíveis” (SANTOS, 2008, p. 19).

Dentro do campo acadêmico, de forma geral, nos anos 1980 houve também uma crise geral da representação do outro, com críticas às possibilidades de narração da alteridade, contribuindo para a consolidação deste campo teórico. Autores como Edward Said e Frantz Fanon questionavam, dentre outras coisas, quem fala e quem é representado; quem pode ou não representar o outro; como essas representações são construídas e quais são seus efeitos. Todos esses problemas da narrativa ocidental sobre o outro trazem efeitos na alma do colonizado e não por acaso diversas referências da época são do campo da psicologia e psiquiatria social. O colonialismo como imposição cultural e arbitrária possibilitou a construção eurocêntrica do exótico, seja oriental, africano, americano etc, ratificando o eurocentrismo como forma de ocidentalização do mundo. “Os estudos pós-coloniais têm sido predominantemente estudos culturais, análises críticas de discursos literários e outros, de mentalidades e subjetividades sociais, ideologias e práticas simbólicas que pressupõe a hierarquia colonial [...]” (SANTOS, 2008, p. 26).

Nesse sentido, a relação entre a antropologia e o pós-colonialismo é próxima, já que a representação do outro foi tradicionalmente associada a esse campo de conhecimento científico. Tal disciplina carregava o peso de um passado conivente com o colonialismo e suas formas de dominação. Dentre os representantes do poder colonizador estavam os viajantes, soldados e esposas de administradores coloniais, que, através de seus relatos e textos, descreviam com detalhes os costumes, a fauna, a flora e a língua dos povos colonizados.

No contexto mais recente dos processos de globalização e os avanços tecnológicos nas comunicações, a resposta veio com o movimento do pós-colonialismo e os estudos culturais, liderados



por sujeitos em situação pós-colonial, que traziam maior legitimidade na representação do outro e ainda citavam, como referências, intelectuais do chamado terceiro mundo para legitimar a produção de seus textos. Importante destacar também nesse contexto as lutas e contribuições do movimento feminista, que influenciaram o desenvolvimento das teorias pós-coloniais.

Comentando essas influências, ressaltamos primeiramente os estudos culturais, enquanto pertencente ao campo teórico da comunicação. Tendo origem nos anos 1950 na Inglaterra, este grupo de estudos sobre a cultura trouxe muitas contribuições importantes como as discussões sobre multiculturalismo, hibridismo, representação, identidade, relações étnico-raciais. Com uma abordagem marxista que evidenciava o simbólico, autores como Stuart Hall, Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward Thompson, dentre outros, ampliaram o espectro de análise da produção de subjetividades dentro das artes, da literatura e dos estudos sociológicos. O diálogo com outras disciplinas também contribuiu para essa ampliação, colocando em contato discussões da antropologia, sociologia, filosofia, teoria literária etc<sup>5</sup>.

Levando em consideração suas discussões complexificadoras, não é surpreendente que, mesmo tendo reconhecida sua importância, são muitas as críticas às metodologias pós-coloniais e seus autores, com acusações de serem muito influenciados pela cultura ocidental e seus referenciais teóricos. Mesmo sendo questionados em alguns aspectos, tanto os estudos pós-coloniais e culturais britânicos também são fundamentais para a descolonização do pensamento comunicacional latino-americano pois muitos de seus teóricos apontam para perspectivas críticas aproveitando parte do conhecimento eurocêntrico para criar formas de apropriação e marcação de novos lugares de fala (RIBEIRO, 2017).

---

5 Também foram influências para esse grupo o pós-estruturalismo nas figuras de Gilles Deleuze, Michel Foucault, Jacques Derrida e Jacques Lacan, além da base teórica do marxismo de Antonio Gramsci, Mikhail Bakhtin, Louis Althusser e Walter Benjamin.



### 3 A colonialidade do saber, do poder e do ser

Iniciamos o giro decolonial através do grupo Modernidade/Colonialidade, que conta com autores e autoras como Aníbal Quijano, Walter D Mignolo, Ramón Grosfoguel, Enrique Dussel, Catherine Walsh, Linda Alcoff<sup>6</sup> etc. Este grupo latino-americano faz desse giro um desafio epistemológico buscando justiça cognitiva de uma razão decolonial. O termo colonialidade do saber e do poder foi cunhado por Aníbal Quijano (1989) e debatido por seus pares acadêmicos ao longo dos últimos anos<sup>7</sup>. Segundo Adélia Miglievich-Ribeiro, Quijano aborda a racialização das relações de poder e a internalização da subalternidade, pensando ainda as desigualdades de gênero, o disciplinamento dos corpos e a sujeição dos saberes.

Há muitos silêncios intraduzíveis que jamais serão audíveis, conforme dissera Spivak (2010), se não se abandonar a pretensão de porta-voz do outro, mas se engajar efetivamente na subversão das estruturas de subalternização que mantêm populações inteiras emudecidas. O êxito da tradução requer a ampliação do número de falantes (ouvidos) a atuar diretamente na produção do conhecimento (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014, p. 72).

Ramón Grosfoguel (2008) reconhece a contribuição das perspectivas étnico-raciais e feministas, como as mulheres chicanas e negras (Cherrie Moraga, Gloria Anzaldúa e Patricia Hill Collins) para esta crítica epistemológica, citando, por exemplo, a epistemologia afrocêntrica (COLLINS, 1990) e a geopolítica do conhecimento (DUSSEL, 1977). O autor, inspirado em Frantz Fanon e Gloria Anzaldúa, discute o conceito de corpo-política do conhecimento como locus da enunciação do sujeito que fala, tendo como proposta deslocar o lugar a partir do qual os paradigmas são pensados. Destacando a figura do homem colonizador como heterossexual, branco, patriarcal, cristão, militar e capitalista, Grosfoguel discute o enredamento de múltiplas e heterogêneas hierarquias globais de

---

6 É importante ressaltar o apagamento das autoras como referências bibliográficas e intelectuais que pensam a questão de gênero na perspectiva da colonialidade, como Gloria Anzaldúa, Silvia Cusicanqui, Maria Lugones, Rita Segato, dentre outras, exemplificando uma das faces do sexismo acadêmico.

7 Outro termo importante é o de sistema-mundo moderno-colonial cunhado por Immanuel Wallerstein e discutido por outros autores do grupo.



formas de dominação e exploração sexual, política, epistêmica, econômica, espiritual, linguística e racial. Portanto, para descolonizar efetivamente a epistemologia é preciso considerar o lado subalternizado da diferença colonial, representado pelas periferias, trabalhadores, mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBTIQ+, além de outros movimentos contra o sistema que produzem conhecimento. Nesse sentido, é fundamental que sejam criados novos lugares tanto institucionais quanto não-institucionais para que todos os subalternizados possam falar e sejam de fato ouvidos, o que cabe perfeitamente para o campo da comunicação latino-americana, dominada por grupos hegemônicos e familiares que reproduzem um discurso liberal na economia e conservador nos costumes.

Walter D. Mignolo defende o pensamento decolonial que desapega dos binarismos, tipo sujeito-objeto, mente-corpo, teoria-prática, natureza-cultura etc, também no intuito da descolonização epistemológica. Tais proposições maniqueístas ainda são comuns no que vemos nos meios de comunicação hegemônicos. Dessa maneira, discute-se também não só a valorização da diferença, mas também a defesa de outros mundos possíveis. Um dos pontos a serem destacados diz respeito à cumplicidade das ciências sociais com a colonialidade do poder, pensando justamente a relação ambígua da antropologia clássica com seus informantes, que podemos atualizar para a colonialidade na comunicação hegemônica, por exemplo. Para Quijano, a colonialidade do poder implica na constante invisibilidade sociológica dos “índios”, “negros” e seus “mestiços”, que configura a maioria da população da América Latina, “[...] com relação à produção de subjetividade, de memória histórica, de imaginário, de conhecimento ‘racional’. Logo, de identidade” (QUIJANO, 2005, p. 24).

Em 1991, o autor introduziu o conceito de colonialidade do poder no texto “Colonialidad y Modernidad/Racionalidad”, discutindo como esta colonialidade atua enquanto padrão de poder mundialmente dominante tendo a Europa Ocidental como o centro do controle. A partir deste primeiro conceito, foram propostos, posteriormente, as categorias de colonialidade do saber e do ser, todas

profundamente interligadas, como veremos. Trazemos, para fins elucidativos, um esquema que analisa a colonialidade do poder, do saber e do ser, e suas dimensões básicas, elaborado por Nelson Maldonado-Torres (2019), que nos ajuda a pensar os atravessamentos entre elas:

Figura 1 – Analítica da colonialidade – Algumas dimensões básicas



Fonte: Maldonado-Torres (2019)

Segundo o autor, cada principal dimensão das colonialidades determinadas constitui uma visão de mundo com, pelo menos, três componentes básicos, cada um fazendo referência ao sujeito corporificado, sendo a do saber relacionada ao sujeito, objeto e método; a do poder relacionada à estrutura, cultura e sujeito; e a do ser relacionada ao tempo, espaço e subjetividade (MALDONADO-TORRES, 2019). É importante destacar também que os objetivos e efeitos dessas colonialidades são a exploração, a dominação, a expropriação, o extermínio e a naturalização da morte, tortura e estupro, mostrando o quão prejudiciais são essas colonialidades que têm em comum a subjetividade. Isso significa que “[...] o que quer que um sujeito seja, ele é constituído e sustentado pela sua localização no tempo e no espaço, sua posição na estrutura de poder e na cultura, e nos modos como se posiciona em relação à produção do saber” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 43). Esse esquema analítico nos



ajuda a pensar de que modo essas instituições sociais atravessadas pela colonialidade se expressam especificamente na mídia hegemônica e nas indústrias culturais.

Para Quijano, “[...] a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista” (QUIJANO, 2000, p. 342). A colonialidade do saber está ligada à produção de conhecimento que se pretende universal partindo do lugar do homem cis heterossexual branco cristão patriarcal ocidental eurocêntrico, considerado o homem universal. Acerca desse tema, Grosfoguel traz uma importante reflexão epistêmica: “Como seria o sistema-mundo se deslocássemos o locus da enunciação, transferindo-o do homem europeu para as mulheres indígenas das Américas, como, por exemplo, Rigoberta Menchu da Guatemala ou Domitilia da Bolívia?” (GROSFOGUEL, 2008, p. 121-122). Questionar as colonialidades passa, portanto, por mudar os lugares de enunciação e ampliar o alcance de determinadas vozes subalternizadas historicamente, em todos os âmbitos.

Vale ressaltar ainda que “a pretensa superioridade do saber europeu nas mais diversas áreas da vida foi um importante aspecto da colonialidade do poder no sistema-mundo colonial/moderno. Os saberes subalternos foram excluídos, omitidos, silenciados e/ou ignorados” (GROSFOGUEL, 2008, p. 136). Seguimos a pretensão do autor em “deslocar o lugar a partir do qual estes paradigmas são pensados” (GROSFOGUEL, 2008, p. 122). Complementando o debate, trazemos a definição de colonialidade do poder, que é a matriz para as outras colonialidades, entendida pelo autor como um enredamento ou uma interseccionalidade (Crenshaw, 1989; Fregoso, 2003) de múltiplas e heterogêneas hierarquias globais de formas de dominação e exploração sexual, política, epistêmica, econômica, espiritual, linguística e racial, em que a hierarquia étnico-racial reconfigura transversalmente todas as estruturas globais de poder (GROSFOGUEL, 2008).



Já a colonialidade do ser é a materialização no indivíduo dos processos de subjugação, afetando não só seus corpos, mas também suas mentes e subjetividades<sup>8</sup>. É importante lembrar que todas as formas de colonialidade estão inter-relacionadas seguindo uma “matriz de poder colonial” do sistema mundo entendida como um princípio organizador, “que envolve o exercício da exploração e da dominação em múltiplas dimensões da vida social, desde a econômica, sexual ou das relações de gênero, até as organizações políticas, estruturas de conhecimento, instituições estatais e agregados familiares” (QUIJANO apud GROSGUÉL, 2008, p. 124).

Boaventura Souza Santos é outro teórico contemporâneo que procura discutir em suas obras tais padrões eurocêntricos, afirmando que “(...) é certo que nas condições do capitalismo global em que vivemos não há reconhecimento efetivo da diferença (racial, sexual, étnica, religiosa etc) sem redistribuição social” (SANTOS, 2008, p. 27). Maldonado-Torres entende ainda a colonialidade como “uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais”, em contraponto à decolonialidade que se refere “à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 36).

Seguir as teorias dos estudos pós-coloniais, culturais britânicos e decoloniais significa pensar como esta situação colonial implica diretamente na colonialidade do saber, do poder e do ser, ainda presentes na construção de enunciados contemporâneos mesmo em um cenário “pós-colonial”. Nesse sentido, é cada vez mais urgente desnaturalizar esses espaços de dominadores/opressores e dominados/oprimidos, além de ressaltar a importância de se conhecer as várias versões de uma mesma história “oficial”. Dentre as tarefas necessárias, destacamos a mudança de paradigma nos meios de comunicação, passando primeiramente pela formação dos comunicadores, seja na

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que mesmo não debatendo o termo colonialidade especificamente, muitas intelectuais do feminismo negro discutem a interseccionalidade, nos EUA e no Brasil, e questionam o passado colonial que afeta o presente. Para saber mais, indicamos Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, bell hooks, Djamilia Ribeiro e Carla Akotirene.



universidade, seja na prática profissional; além da democratização da mídia e desmercantilização da informação, combatendo o monopólio midiático.

Grosfoguel entende a colonialidade do poder enquanto matriz de poder no mundo colonial/moderno, ou seja, como “[...] um conceito que tenta integrar, como parte de um processo estrutural heterogêneo, as múltiplas relações em que os processos culturais, políticos e econômicos se enredam com o capitalismo enquanto sistema histórico.” (GROSFOGUEL, 2008, p. 134). Vários autores do Grupo Modernidade/Colonialidade debatem a estreita relação da criação da modernidade e da racionalidade com o desenvolvimento da colonialidade, sendo, portanto, retroalimentada pelo paradigma ocidental/eurocêntrico.

Quijano também debate a colonialidade do poder entendendo que a estrutura colonial de poder produziu as discriminações sociais posteriormente categorizadas como étnicas, raciais, antropológicas ou nacionais, criadas justamente para explorar e dominar em escala global. Nesse sentido, especialmente no contexto latino-americano, a colonização dos imaginários dos dominados, tanto na produção de conhecimento quanto de cultura, precisa ser problematizada enquanto manutenção das estruturas de poder, porque a colonialidade continua sendo o modo mais geral de dominação do mundo atual (QUIJANO, 1992).

Todo o referencial teórico-metodológico aqui abordado ajuda a entender os atuais processos de silenciamentos carregados de violência simbólica que vemos nos meios de comunicação e na indústria cultural brasileira de maneira geral (OLIVEIRA, 2020). Esse resgate epistemológico se faz necessário com o intuito de desnaturalizar construções sociais da realidade, que muitas práticas midiáticas insistem em manter como naturais e por isso imutáveis. Tal debate precisa ser encarado com responsabilidade, já que essa mudança nas estruturas não vai vir de conglomerados midiáticos que só têm a perder com a crítica de suas práticas, nem de teóricos e/ou intelectuais que estão



preocupados em produzir, a partir de suas pesquisas, dados para a reprodução da própria indústria, tendo às vezes financiamentos destas pesquisas por parte dos conglomerados hegemônicos.

#### 4 Possibilidades de futuro através da decolonialidade

Finalizamos este artigo apontando para uma analítica da decolonialidade como horizonte e forma possível de superar as colonialidades que nos cercam – a do saber, do poder e do ser, que consideramos pertinente e fundamental para o campo da comunicação. Para tanto, trazemos autoras e autores decoloniais e suas propostas de novas epistemologias. Linda Alcoff (2016) indica a necessidade de uma epistemologia decolonial revolucionária, que questiona o conhecimento universal sobre o saber, combatendo o imperialismo epistemológico ocidental e incentivando o projeto de mudar a geografia da razão, dando

[...] atenção à identidade social não simplesmente para mostrar como o colonialismo tem, em alguns casos, criado identidades, mas também para mostrar como têm sido silenciadas e desautorizadas epistemicamente algumas formas de identidade enquanto outras têm sido fortalecidas. Assim, o projeto de decolonização epistemológica presume a importância epistêmica da identidade porque entende que experiências em diferentes localizações são distintas e que a localização importa para o conhecimento (ALCOFF, 2016, p. 136).

Neste texto onde discute os embates epistemológicos e identitários, Linda Alcoff critica como o colonialismo cria e reifica identidades como forma de administrar os povos e estabelecer hierarquias entre eles. Inspirada por Enrique Dussel e Sylvia Wynter, a autora defende uma nova epistemologia da libertação e a relevância de se discutir cada vez mais tais temas nas universidades. Ressaltamos essa urgência principalmente no campo da comunicação, tão importante na construção das visões de mundo da sociedade contemporânea. Concordamos com Alcoff sobre o legado dos novos movimentos sociais que proporcionaram uma demanda por diversidade no ambiente acadêmico.



Frente a isso, a libertação não mais poderia ser formulada em nome de uma simples e homogênea classe. Dentro da academia, esses movimentos assumiram a forma de demandas por uma agenda de pesquisa libertadora que poderia ser produzida mediante a criação e a institucionalização de programas de investigação em estudos feministas e de gênero, estudos lésbicos, gays, bissexuais e transgêneros, estudos étnico-raciais, estudos pós-coloniais e, mais recentemente, estudos sobre deficiência. A omissão e a distorção de pesquisas e investigações sobre largas áreas da experiência humana requerem uma reforma disciplinar e institucional, incluindo novas metodologias de investigação (ALCOFF, 2016, p. 142).

Recuperando que a “decolonialidade requer não somente a emergência de uma mente crítica, mas também de sentidos reavivados que objetivem afirmar conexão em um mundo definido por separação” (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 48), defendemos a utilização de novos referenciais intelectuais, que partam de perspectivas indígenas e afro-brasileiras. Mesmo mostrando e reconhecendo a importância do grupo Modernidade/Colonialidade como parte desse movimento de mudança histórica, é preciso valorizar os conhecimentos de mulheres indígenas, mulheres negras, homens indígenas, homens negros, vozes que sempre se expressaram mas que historicamente foram e continuam sendo subalternizados.

Se debatemos colonialidade do saber, do poder e do ser é porque acreditamos que países colonizados, como o que vivemos, ao negarem seu passado perverso em defesa da miscigenação e harmonia dos povos, reiteram os lugares de dominação e os processos de subalternidade que existem aqui desde o período da colonização, passando pela consolidação do conhecimento científico em detrimento dos saberes dos povos originários, pelo silenciamento da violência da escravidão, pelo enaltecimento de práticas europeias ligadas a manutenção de privilégios, dentre tantos outros problemas. Diante deste cenário, como avançar em determinadas lutas sem a descolonização primordial do pensamento comunicacional?

A quebra com todas as formas de colonialidade é, portanto, fundamental, já que “[...] continuamos a viver num mundo colonial e temos de nos libertar das formas estreitas de pensar as relações coloniais, de modo a concretizar esse inacabado e incompleto sonho do século XX que é a

descolonização.” (GROSFOGUEL, 2008, p. 127). Ainda segundo o autor, tal descolonização, aliada à libertação anticapitalista, não podem ser restritas a apenas uma dimensão da vida social. “É necessária uma transformação mais ampla das hierarquias sexuais, de gênero, espirituais, epistêmicas, econômicas, políticas, linguísticas e raciais do sistema-mundo colonial/moderno” (GROSFOGUEL, 2008, p. 125).

Por concordarmos que é preciso uma transformação ampla em várias dimensões da vida social, recuperamos o processo de decolonialidade, que, segundo Maldonado-Torres, enquanto conceito, oferece dois lembretes fundamentais para a nossa reflexão sobre a construção do pensamento crítico, dos movimentos sociais, da produção cultural e da comunicação:

[...] primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política. É por isso que o conceito de decolonialidade desempenha um importante papel em várias formas de trabalho intelectual, ativista e artístico atualmente (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 28).

Recuperamos, para tanto, o esquema do autor, na figura abaixo, que analisa a decolonialidade, fazendo referência à analítica da colonialidade em que, a partir do mesmo arranjo estrutural, são pensadas outras possibilidades que busquem a descolonização em todas as suas dimensões, especificamente pensada aqui na comunicação.

Figura 2 – Analítica da decolonialidade – Algumas dimensões básicas



## ANALÍTICA DA DECOLONIALIDADE ALGUMAS DIMENSÕES BÁSICAS



Fonte: Maldonado-Torres (2019)

Trazemos esse esquema didático para reforçar que é necessário descolonizar o saber, procurando novas metodologias, questionando e teorizando também outras epistemologias; descolonizar o poder, buscando outra estrutura e cultura através do ativismo social que combate a indústria cultural hegemônica; e descolonizar as formas de ser, construindo outro tempo e outro espaço com criatividade, arte e espiritualidade a partir de outros referenciais. Essa analítica é um modelo possível para continuar buscando a decolonialidade como horizonte emancipatório e construindo outros mundos possíveis.

## 5 Considerações

Nestas breves reflexões sobre o Grupo Modernidade/Colonialidade, buscamos mostrar os importantes termos da colonialidade do saber, do poder e do ser e como esses debates são fundamentais na contemporaneidade para pensar a comunicação, assim como as relações e referências acadêmicas do campo. O objetivo não foi supervalorizar e essencializar os teóricos e teóricas aqui citadas, mas sim ampliar as perspectivas analíticas que visam descolonizar o pensamento



comunicacional. Seguimos a perspectiva crítica de reconhecer a relevância de tal grupo, mas sem deixar de apontar algumas problemáticas, como a inserção desses intelectuais nas universidades dos EUA majoritariamente, o apagamento das mulheres no grupo de pesquisa, os conflitos entre seus membros em questões teóricas e referências, os novos termos de análise criados que não necessariamente tem uma aplicação prática desse conhecimento etc.

Com essa investigação, defendemos que, seguindo as estruturas que continuam reproduzindo as formas de colonialidade do saber, do poder e do ser, as possibilidades de emancipação e libertação efetivas inexistem, por isso é urgente que a totalidade colonial seja desmontada, enquanto reerguemos e valorizamos as perspectivas de quem foi historicamente subjugado. Sabemos ainda que não é seguindo a ideia de empoderamento liberal que alcançaremos tal horizonte utópico. Portanto, é preciso enegrecer, feminizar e indigenizar as referências bibliográficas não só na comunicação como em todas as áreas de pesquisas universitárias, assim como ampliar o alcance dessas vozes subalternizadas e o acesso e permanência no ambiente acadêmico e midiático. Abalar essas rígidas estruturas coloniais, questionando os lugares de enunciação e autoridade, é um dos primeiros passos para tais mudanças fundamentais de um novo mundo possível.

## Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALCOFF, L. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 129-143, jan./abr. 2016.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013.

GROSFUGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 80, p. 115-147, mar. 2008.

GROSFUGUEL, R. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GROSFUGUEL, R. "Hay que tomarse en serio el pensamiento crítico de los colonizados en toda su complejidad". Entrevista realizada por Luis Martínez Andrade. **Revista Metapolítica**, ano 17, n. 83, p. 38-47, out./dez. 2013.

MACHADO, I. Reflexões sobre o pós-colonialismo. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, v. 1, n. 44, p. 19-32, jan./jul.



2004.

MALDONADO-TORRES, N. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas: em decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Por uma razão decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 66-80, jan./abr. 2014.

OLIVEIRA, O.B. **Aspectos da colonialidade do saber, do poder e do ser**: uma análise das performances de Regina Casé em sua trajetória televisiva. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

QUIJANO, A. Modernidad y democracia: intereses y conflictos. **Anuario Mariateguiano**, Lima, v. 12, n. 12, 2000.

QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. **Perú Indígena**, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, B. S. Do pós-moderno ao pós-colonial. **Travessias**, Coimbra, n. 6/7, p. 15-36, 2008.